



Apropriação da Língua Materna: A inter-relação entre alfabetização e letramento

Francielli Ribeiro Silva Pinto¹
infoedupedagogiaufal@gmail.com
Silvana Paulina de Souza²
spaulinadesouza@gmail.com

RESUMO:

Este texto visa apresentar as reflexões e ações desenvolvidas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Didáticas de Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLIT) - linha de pesquisa “Processos de apropriação da língua escrita nos anos iniciais” –, durante as disciplinas de Alfabetização e Letramento e Literatura Infantil que desenvolvem uma reflexão sobre a apropriação da língua materna e na ação de extensão junto a um município do interior de Alagoas. O texto se justifica pela intenção de pensarmos sobre questões que inquietam o grupo de estudos, os professores e gestores que participam do projeto de extensão, entre elas: Como as diferentes concepções de alfabetização e letramento podem contribuir para a apropriação da língua materna com sentido e significado? As ações para a escrita deste texto estiveram pautadas em dados coletados por meio de atividades em sala de aula, no grupo de estudo e aplicação no curso de extensão. A análise de cunho qualitativo vem contribuindo para o retorno a campo e o repensar das ações configurando a práxis pedagógica. Percebemos que, até o momento os resultados apresentam inquietações nos participantes e buscas para realizar ações de aprendizagem com sentido e significado.

PALAVRAS CHAVE: Apropriação da Língua; Formação Continuada; Alfabetização e Letramento; Estratégias de Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A apropriação da leitura e da escrita ocorre por meio de processos de ensino e de aprendizagem que não está restrita ao simples reconhecimento de letras, de códigos, de signos ou ao exercício de juntá-las para a formação de sílabas, palavras

¹ Aluna do curso de Pedagogia, bolsista Pibic, participante da Monitoria da Disciplina Alfabetização e Letramento e do Grupo de pesquisa GELLIT.

² Docente da Ufal. Orientadora de Projetos PIBIC e Monitoria. Coordenadora da linha de pesquisa Processos de apropriação da língua escrita nos anos iniciais, do Grupo de Estudo e Pesquisa Didáticas de Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLIT) - linha de pesquisa: Processos de apropriação da língua escrita nos anos iniciais.

e frases. Diante disto, neste trabalho, consideramos que esses processos vão além da decodificação e memorização de conceitos. Compreendemos que há um percurso que deve ser organizado por meio da contextualização a fim de que o apropriado tenha sentido e significado e contribua no processo desenvolvimento e aprendizagem nos anos iniciais. Portanto, acreditamos que a partir desse entendimento, a relação dos sujeitos: professor/aluno deve pensada com a intenção de promover relações e ações diversificadas de ensino.

Para a concretização de ações significativas, precisamos considerar a inter-relação entre alfabetização e letramento e a intenção de promover a aprendizagem significativa. Nesta perspectiva, é preciso pensar nas relações que a criança estabelece com professor a fim de que se tornem mais relevantes e sejam capazes de se apropriarem dos conhecimentos relevantes para a internalização e sistematização dos saberes a partir de situações efetivas de comunicação.

Destacamos que a criança já no período de gestação está em contatos com situações de comunicação por meio da voz e do toque das mãos da mãe e de outras pessoas que fazem parte do contexto. O que para ela é bastante relevante. Quando nasce, o mundo da escrita está posto em seu cotidiano nas embalagens, cartazes, músicas, placas, mensagens escritas que vão ganhando significado e atribuindo sentidos. Assim, no momento em que entra na instituição de ensino para lidar com as situações formais de aprendizagem e necessita compreender a função social da escrita, sua valorização cultural, esta possui conhecimentos prévios que contribuirão para seu desenvolvimento. Ao destacar essas premissas, entendemos que assim a criança se apropriará do signo linguístico em contexto de uso da língua materna.

Para desenvolvermos um trabalho na perspectiva apresentada, compreendemos a alfabetização e o letramento como um processo sócio-histórico-cultural da apropriação da leitura e da escrita que advém de metodologias baseadas nos gêneros textuais em situações reais de uso. Esses são considerados ferramentas que auxiliam na comunicação humana. As ferramentas para essa efetivação estão presentes na sociedade, desde as situações simples, como a leitura da placa de um ônibus, ou um anúncio no jornal, até a escrita e a leitura de gêneros complexos.

Diante destas proposições, tratamos do processo de aprendizagem que não se encerra quando a criança passa a dominar a leitura e escrita na perspectiva da

decodificação, que se baseia no domínio do sistema de escrita alfabética da Língua Portuguesa, processo que segue se tornando mais complexo gradativamente.

2 Caminhos de Aprendizagem da Língua Escrita.

Para a compreensão do sistema de escrita é necessária reflexão acerca da língua, seu funcionamento, seu desenvolvimento e a apropriação da língua materna. É preciso compreender o porquê de a língua ser aprendida - função social - em contextos reais de comunicação. A partir dessas considerações, faz-se necessário pensar a leitura e a escrita como ferramentas de linguagem, compostas por propriedades específicas que não são evidentes nos atos de comunicação. Grande parte do processo de reflexão tem origem nos atos de ler e de escrever e nas diversas possibilidades de uso da língua.

Essa reflexão envolve níveis de análise que decorrem, por exemplo, do processo de segmentação. Um processo que se constitui no fracionamento das etapas de compreensão de constituição da palavra. Ele se alicerça na compreensão das diferentes formas de escrita e outras formas gráficas; exige o domínio das convenções gráficas; a compreensão e orientação do alinhamento da escrita da Língua Portuguesa; a compreensão da função de segmentação dos espaços em branco e da pontuação no final das frases; o reconhecimento das unidades fonológicas como sílaba, terminações; o conhecimento do alfabeto; a compreensão da categorização das palavras gráficas e funcional das letras; conhecer e utilizar diferentes tipos de letras de forma cursiva; compreender a natureza alfabética do sistema de escrita, as relações entre fonemas e grafemas, as regularidades e irregularidades ortográficas.

Segundo Emília Ferreiro (2003), a escrita socialmente constituída privilegia algumas dessas unidades: nas palavras - que aparecem segmentadas na escrita - e nas letras, como unidades constituídas dessas palavras. Porém, considera que nem todas as palavras gráficas correspondem à “noção de palavra” de uma criança de 4 ou 5 anos, porém ela reconhece que há manifestação por meio dela.

Antunes, afirma que:

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão (ex -, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, intenções,

crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. (Antunes, 2003, p.45).

Por isso, percebendo a trajetória da circulação de textos pelos diferentes meios de circulação, suportes, esferas sociais e sua produção pelos interlocutores nos processos interativos; deve-se proporcionar ao estudante do ensino fundamental uma aprendizagem significativa que tenha êxito ao escrever. Isso decorre das estratégias de aprendizagem, entre elas as estratégias de leitura –, contribui para sua formação como um sujeito produtor de textos de diferentes gêneros orais e escritos. Torna-o participante ativo do seu processo de aprendizagem, apropriação do conhecimento e interação.

A formação por meio dos atos de ler e escrever envolvem atividades cognitivas decorrentes de ferramentas como as estratégias de leitura. Essas são utilizadas no processo de apropriação da língua que pode ser pela oralidade ou pela escrita. Por este motivo, as atividades de processamento de informação que partem da fala, da compreensão da fala e se constituem na informação processada torna-se um elemento de natureza linguística. A escrita, uma ferramenta da linguagem e que a representa, não é a única que a representa, assim como a leitura.

A escrita é uma forma convencional de registro da linguagem do sujeito, e a leitura – decodificação e compreensão –, também é realizada seguindo estratégias comuns. De acordo com as realidades existentes na sociedade e no campo educacional, sabemos que existem diversas formas de se comunicar, convencional ou não.

Apropriar-se da leitura e da escrita envolve mais que os registros gráficos, contamos com a oralidade, a leitura, a escrita padronizada e o uso social dessa ferramenta de comunicação. Logo, o processo de aprendizagem da língua escrita está relacionado a aprender a caminhar pelas modalidades oral e escrita, ajustando-as formal e funcionalmente as situações de uso social.

2.1 Alfabetização e Letramento.

As concepções tradicionais (MORTATTI, 2011) sobre a apropriação da língua materna por meio de processos que se fundamentam nos métodos analíticos e sintéticos, consideram os processos de alfabetização e de letramento de forma independente. Ler, para essas concepções, consiste em decodificar e escrever em codificar; o processo de alfabetização consiste na codificação e decodificação dos signos gráficos e os sons um conhecimento fonológico que precedia o letramento.

Nos dias atuais a alfabetização, enquanto processo de aquisição dos signos linguísticos, se constitui no ato de compreensão e identificação das primeiras letras e o letramento, que se origina na iniciação de apropriação do sistema ortográfico, através da aquisição dos códigos, signos e números, são considerados processos inter-relacionados, e não se entende que as práticas de letramento se iniciam apenas após a consolidação da alfabetização.

Assim, em nossos trabalhos, concebemos que alfabetizar é então a combinação do ensino sistemático da notação alfabética com a vivência diária de práticas letradas, de modo que se garanta aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e lhes sejam dadas condições de usar a língua nas práticas de leitura e escrita exigidas pela sociedade.

Reconhecemos que é necessário alfabetizar letrando, de modo que, ao praticar a leitura e produção de texto, a criança tenha contato com os processos em situações reais. Em cada etapa no momento pensado sistematicamente e gradativamente a realidade torna-se parte das produções dos sujeitos e das ações conjuntas.

Magda Soares, afirma que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança e do adulto analfabeto no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 1998, p.14).

A questão de reconhecermos a alfabetização e o letramento como processos interdependentes, porém distintos, leva-nos a concordar com a fala de Artur Gomes de Morais (2012), que refere-se dessa forma:

O sistema de escrita alfabética e a linguagem que usamos ao escrever são, para mim, dois domínios ou objetos de conhecimento que o alfabetizando precisa reconstruir, cada um com suas propriedades (a serem compreendidas) e com suas convenções (a serem aprendidas de modo sistematizado).

Dentre eles a própria fala, assim, torna-se considerável que a consciência fonológica possui relevância nesse trajeto, porque a criança ao longo do seu processo de alfabetização procura entender a pauta sonora que a escrita representa e compreende a organização dos sinais gráficos como uma formação do sistema de representação. Esse processo é estimulado por aprendizagens que ativam o desenvolvimento e favorecem a competência simbólica do alfabetizando ouvinte.

Essa concepção atende em especial o aluno ouvinte. Para o aluno não ouvinte os autores e concepções que consideram a configuração gráfica da palavra (BAJARD, 2013) ressaltam que a apropriação da palavra escrita com uso dos signos gráficos contribui para compreensão do texto para além do aspecto fônico. Ao pautar-se na configuração gráfica da palavra, a variação sonora da palavra não comprometerá a compreensão do texto, e em contexto provoca o letramento.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – 2017, o letramento é a condição para a alfabetização, para o domínio das correspondências entre grafemas e fonemas, mas a alfabetização e a exploração sistemática dessas relações grafonêmicas são também condição para o letramento. Do mesmo modo, o conhecimento das hipóteses feitas pelas crianças no aprendizado da língua escrita é a condição fundamental para o seu aprendizado, mas a análise e a exploração gradual e sistemática das características formais da língua escrita são também condições fundamentais.

3 Língua Materna em Ação: Estratégias de Aprendizagem.

A aplicação e estudo dos conceitos e concepções acima apresentados, em especial, no que se refere ao uso social da língua escrita na perspectiva da

alfabetização e letramento, foi experienciada, e continua em processo de coleta de dados, em um município do Estado de Alagoas. Durante 8 (oito) meses o Grupo de Estudo e Pesquisa Didáticas de leitura, da literatura e da escrita, - linha de pesquisa “Processos de apropriação da língua escrita nos anos iniciais” , vem desenvolvendo na disciplina “Alfabetização e letramento” ações reflexivas sobre a apropriação da língua materna em contexto pedagógicos organizados, a fim de promover a aprendizagem dos alunos e a práxis por parte dos professores.

As ações são compostas por estudos e reflexão durante as aulas na graduação e no grupo de estudo. Preparação das ações interventivas no grupo de estudo e aplicação nas formações junto aos professores do município parceiro. Nesse projeto nos identificamos com quatro palavras que fazem parte dos nossos estudos e práticas e, através deles, buscamos tornar nossas atividades, tanto no grupo de estudos, quanto nas formações dos professores, sermos influenciados e disseminadores destas proposições.

Reconhecemos que ressignificação, sentido, significado e apropriação é o coração do projeto e conceitos que motivam nosso planejar para que os professores tenham a possibilidade de levar aos seus alunos estratégias para a apropriação da língua materna.

Ressignificar surge da proposta de possibilitar um novo sentido à prática docente, a partir das propostas pedagógicas já utilizadas. Ressignificar significa dá um novo sentido aquilo que já existia antes. Esse processo se consolida na transformação da prática docente, quando os sujeitos da ação educativa se apropriam do conhecimento e ressignificam a partir das suas experiências nas relações criança-criança e adulto-criança. Ela possibilita o registro das experiências, que ajudará o professor compor sua memória compressiva. O ato de ressignificar propõe a reflexão acerca das vivências singulares decorridas no processo de apropriação do conhecimento de ambas as partes.

O Significado designa uma relação de reconhecimento; esse processo ocorre a partir da ressignificação das ações através integração de sentido nas atividades. Os alunos irão reconhecer esses processos nas práticas pedagógicas utilizadas pelos professores através da matriz curricular ofertada em cada etapa de ensino. Apropriação é a aplicação desses procedimentos de ensino e aprendizagem

da língua materna o aluno se apropria da leitura e escrita. Tornando-se um sujeito autônomo, crítico e reflexivo do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Essa dinâmica permitiu e permite a discussão sobre a formação do leitor e produtor de textos orais e escritos, assim como também buscar meios e caminhos que pudessem auxiliar os profissionais atuantes nas séries iniciais do ensino fundamental. Percebemos que ainda há uma trajetória a ser percorrida, porém os dados nos permitem destacar a necessidade de se pensar sistematicamente o ensino da língua materna.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 55):

Nos dois primeiros anos do ensino fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramento.

Com a intenção de proporcionar aos professores condições de desenvolver esse trabalho fundamentando na perspectiva de “alfabetizar letrando”, organizamos a nossa proposta de ensino considerando os textos, ou seja, os gêneros textuais, como a principal ferramenta de ensino, compreendendo a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como o processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico. Consideramos também a importância da participação ativa dos alunos, e seu envolvimento nos eventos que promovem o letramento tendo em vista o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e escrita nas práticas sociais que rodeiam a língua escrita. Logo, estudamos o texto não apenas em sua modalidade verbal, compreendemos a diversidade de composição de textos que articulam o verbal, o sonoro, o gestual e o visual, o que apresentamos como multimodalidades de linguagens.

Desta forma, ao reconhecermos tanto a alfabetização, quanto o letramento nas diferentes dimensões, levamos em conta o histórico do aluno, onde ele já estabeleceu relações significativas com o mundo por intermédio das relações familiares, do rádio, da televisão e dos grupos sociais. A mente social do sujeito

(crenças, valores e atitudes), faz parte do processo de desenvolvimento e aprendizagem. Portanto, se faz necessário que o ensino considere a diversidade e veja a língua como um processo heterogêneo e plural, para a instituição promover o contato com as diversas formas de emprego da linguagem, tendo em vista o uso social em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandê. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAJARD, É. **A Descoberta da língua escrita**. São Paulo, Editora Cortez, 2013.

BRASIL, **Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica**. Base Nacional Comum Curricular, Brasília, 2017.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emília; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORAIS, Artur G. de. **Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos**, 2012. (Como Eu Ensino).

MORTATTI, Maria do R. L. (org.). **Alfabetização no Brasil** : uma história de sua história – São Paulo : Cultura Acadêmica ; Marília : Oficina Universitária, 2011.

SOARES, Magda. SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivistas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOSTKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.